

# REPORTAGEM

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

23 de Agosto de 1930

Numero 3



**Miserias das grandes avenidas** -- Dramas da nossa alta sociedade (pag. 5) -- A mulher das agulhas -- (pag. 11) -- Reportagem inedita sobre o portuguez condenado á morte (pag. 8 e 9)

**PATHE**

Sequer adquirir um gramofone não compre da primeira marca que lhe apresentem

Discos portugueses de: VIA DA MOTA, e imminente pin e de CARVALHO OLIV o roux: al do norte

**EXIJA** a audição de um disco Escolha á sua vontade

As ultimas novidades em discos semanalmente recebidos de PARIS

**PATHE**Avenida da Liberdade, 141 1º - LISBOA  
Telefone, 3678**CASTELO LOPES L. DA** Rua das Fontainhas 209 10 - PORTO  
Telefone 2400**CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS**  
Especialidades em pinturas  
**A. R. Carvalho**  
Construtor civil diplomado  
Rua da Picaria, 8 - PORTO**FOTO-GUEDES**  
A mais premiada A mais artistica  
Retratos Artisticos e de luxo  
**NEVES GUIMARÃES**  
348, R. Santa Catarina, 350 - PORTO**V. Ex.** a Desja comprar barato? Elegante? Na ultima moda?  
**EXPERIMENTE E VERA!!!**  
SAPATARIA LAGES  
Rua Santo Ildefonso, 20 - PORTO**"SLAV"**  
A marca do impermeavel de qualidade  
Não comprem sem pedir catalogo e condições para  
39, Cancela Velha - Porto**ARMAZENS CUNHAS**14, PRAÇA DA UNIVERSIDADE, 16  
**PORTO**

Grande quantidade de varios artigos que resolvemos vender nesta ocasião muito mais baratos

COMBINAÇÕES de boa malha de seda a 15\$00 e 22\$00.

CALÇÕES de malha de seda a 12\$00 e 15\$00.

VESTIDINHOS de malha de seda para criança, a 5\$00 e 8\$00.

VESTIDOS DE MALHA de lã fina para senhora.

PANOS FINOS para enxovais, que se vendiam muito mais caros, a 3\$00, 3\$20 e 3\$40.

BRETANHAS FINAS a 3\$80 e 4\$00.

GRANDE quantidade de cortes de muitos tecidos de algodão, servindo para vestido.

GRANDE quantidade de retalhos de crepes de seda muito baratos.

MILHARES DE RETALHOS de panos brancos e crus para lençol

GRANDES lotes de toalhas para rosto a 2\$40-2\$80 4\$00.

TOALHAS para meza e guardanapos, com grande diferença de preço.

**Vender barato para vender muito****Manoel Joaquim Barbosa**

PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PROPRIA

TELEFONE, 5039.  
Rua da Picaria, 37 - PORTO**Café Concerto Primavera**Travessa da Picaria, 28  
O maior Salão Dancing do Porto.  
Todas as noites novas variedades "soirées" pela "Completa" Lina de LoscarSERVIÇO DE RESTAURANTE E GABINETES  
ABERTO TODA A NOITE**SABÃO CASTELO**O melhor produto para tirar nodos  
PREÇO 1\$00  
Há venda em todas as Drogarias**COELHO DA COSTA****AGENTE OFICIAL**Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brazil, França etc, e vende passagens em todas as classes tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa  
Escrever ou falar para a  
RUA CHÃ, 129-132 - PORTO

TELEFONE Agencia 1412 Residencia 2187

**FIAT --- O "552"****E' O MAIS SPORTIVO DOS CARROS DE TURISMO. O MAIS TURISTICO DOS CARROS DE SPORT**Grande potencia e elasticidade de motor, suavidade e silencieosidade de marcha. Travões potentes e eficazes.  
Carrosserie comoda e luxuosa,**EXPERIMENTAI-O!**  
**Fiat Portuguesa S. A.**Palacio da Avenida, 253  
LISBOA-Telefone, 2928  
R. de Santa Catarina, 122  
PORTO---Telefone, 1094

O «525» pode ser fornecido com culatra especial de super-compressão e duplo carburador, mediante um pequeno suplemente. Este dispositivo permite-lhe atingir a velocidade de 130 quilometros á hora.

# Homens & Factos do Dia

## Exportação do teatro português



Faça-se da ida de Hortence Luz-Nascimento Fernandes à Argentina. Desajava que o boato não se diluisse no éter rosado das ilusões, após o mergulho teórico na tinta da imprensa. A seguir ao film e ao livro—o teatro é o mais influente dos diplomatas. No reclame dum país. A França, a Itália e a Rússia devem ás suas tournées

artísticas no estrangeiro a melhor das propagandas. Mas a revista, sobretudo a portuguesa, a mais abundante de todos, sem características e com as pedrarias do Casino de Paris, traduzidas em lantejoilas, de forma alguma pode simbolisar Portugal, nessa embaixada de arte. Salama-na Hortence Luz, que trouxe do teatro sério, onde nasceu, o pudor artístico; e Nascimento Fernandes, o neura-cómico, a triste que faz rir, um dos actores mais completos da nossa raça, pelo modelo charlotesco, o modelo dos que fizeram da gargalhada do publico o Calvario Shaskpeariano do seu sonho d'artista.

— Os nossos palcos estiveram sempre gozadamente escancarados ao teatro estrangeiro. As traduções (base da nossa decadencia teatral e razão lógica do desinteresse do publico que não sente nem compreende a maioria das peças que lhe apresentam) cresceram nos ultimos vinte anos uma proporção de 70 por cento sobre os originais—sendo, dos restantes trinta por cento 25 de revistas. De 1870 a 1900 estrejaram-se em Portugal 1012 obras de teatro das quais 632 eram traduções. De 1901 a 1929 somam-se 1336 estrejas—com 936 (!) traduções! A Espanha, no mesmo periodo, estrejou 7143 peças, com 1202 traduções apenas. A França supporta só 5 por cento do teatro estrangeiro; a Inglaterra 12; a Alemanha 22; os Estados-Unidos 8; e o pais mais próximo ao nosso neste campo—a Romenia—não vai além de 42 por cento de titulos estrangeiros... Toda esta estatística de facil comprovação (consulte-se La Noche de Barcelona de 12 de Julho; o Bravo de Paris; Tutti de Roma; e o «Recordman» das estatísticas nacionais, dr. Santos Cordeiro que rectificou com os presentes numeros que eu há tempos publiquei) prova que o teatro português é uma quimera. Não o temos para nós—como o h vemos de exportar? De 1910 a 1928 os nossos cartazes conheceram apenas meia centena de autores nacionais e dois terços desses só se mirou no espelho litografico uma vez—ou seja assinando uma peça. A soma

total dos direitos de autores do teatro sério, de 1920 a 1929—garante-me o mesmo charadista estatístico, é de 500 contos, aproximadamente. Os outros cobraram quasi o dobro. A Sociedade dos Autores espanhoes recebeu e pagou num só ano (1928) oito milhões de pesetas (24000 contos). Nos ultimos dez anos e só em Paris, a França conheceu 385 autores e as receitas totais dos direitos elevam-se a 125 milhões de francos. A Sociedade dos autores teatraes ingleses, afirmava «The Teater Magazine» conta com quinze milionarios (milionarios feitos com o teatro) e entre eles está Pinero, um judeu portuguez... Mas a própria Argentina, país menino, regista no seu sindicato 44 autores profissionais, que vivem exclusivamente do teatro; e Caras y Caretas de dezembro ultimo informa que na época passada—1927-28—estriaram-se 80 obras nacionais totalizando os direitos em 880 000 pesos ouro!

Quantos portuguezes vivem bem só de escrever do teatro? Nenhum... Mal—alguns, poucos. Pois bem. Em Espanha existem mais de duzentos fabricantes de couplets; e desses duzentos—metade não faz outra coisa; e entre estes Penillo, que rimou os horripilantes versos do Relicario — «Pisa, morena; pisa com garbo...»—gunhou por esse mau trabalho de meia hora, 100.000 duros!!! E' ele próprio que o declara numa entrevista no «Mero Mundo»!

Falou-se que Amarante e Alves da Cunha, iriam a Sevilha e não foram; há cinco anos que se fala da ida de Rey Colajo—Robles Monteiro e de Lucilia-Erico a Madrid—e o boato não teve confirmação... Que eu saiba só há quarenta anos a Lucinda Simões e o marido e a sua trupe conseguiram uma temporada de 10 dias em Espanha... Mas o nosso idioma tranca-nos a fronteira. Poucos o enten-



Romancista (abrindo um capitulo): Refestelei-me na minha «mappie»; p'isso os olhos p'os quatro de Murilo que carecem o meu gabinete... O sol entra a forras pela ampla janella aberta sobre Nice...

# reporter

Semanário de grandes reportagens e de crítica a todos os acontecimentos sensacionais... niais de Portugal e Esrangeiros...

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR:

**REYNALDO FERREIRA** (Reporter X)

Director-gerente, Administrador e Editor:

**Angelo de Azevedo Ferreira**

Chefe da Redacção:

**Mario Domingues**

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

Redacção, Administração, Publicidade e Oficinas

Rocio, 3 (Tel.: Triind. 604) Lisboa  
Cancella Velha, 39 (tel.: 1058) Porto

## PREÇOS DAS ASSINATURAS

3	mezes—série de 12	numeros—Esc.	11\$50
6	" " " " 25	" —Esc.	22\$50
12	" " " " 52	" —Esc.	44\$50

diam... A Lucinda contou-me numa entrevista para o «A B C» que ao mesmo tempo que ela representava em Madrid—estava no «Espanol» uma trupe de mimicos dinamarquezes; e que Benito Roldan que foi vê-la, ao ser-lhe apresentado lhe dissera: «Estava convencido que ustedes eram só mimicos... E's que yo no entiendo una palabra de dinamarquez!» Roldan julgava ter-se equivocado de teatro indo vêr os escadinavos em vez dos nossos artistas... Por aqui se mede a noção que têm do portuguez...

E era necessário uma tournée, organizada oficialmente—e a Paris que é o centro Mundo. A Paris tem ido o teatro de todos os paizes. De dois em dois anos o Govêno Argentino envia uma companhia nacional à França. Mas—seria viável? Seria possível seleccionar doze «azes»—quebrar os laços sentimentais dos grupos de dois, sujeitar alguns a fazer rabulas? Seria possível seleccionar um reportorio representativo da nossa mentalidade fugindo á influencia dos pigmeus e dos vaidosos que, a todo o preço, queriam ser incluídos na seleção?

... Entretanto que os santos milagreiros façam com que Hortence e Nascimento vão a Buenos Ayres. Se pouco temos para nós—que esse pouco nos sirva de reclame no estrangeiro.

R. X.

ESTE JORNAL FOI VISADO

PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Aquele Castelo...

# O segredo dos que são misteriosamente ricos

**Uma palestra com Paulo Freire.--Fulano morreu.--O glorioso "apelido" escamoteado.--Uma reportagem pelo Minho.--A visita áquele castelo.--O que se passava lá dentro**

Foi no ultimo domingo, cerca da meia noite, que me permiti ao luxo dum veraneio solitario, farandulando pelas ruas centrais—esquivo á luz e aos importunos. Notei então um outro noctívago solitario que se lançava num vae-e-vem paralelo ao meu. Reconhecemo-nos e num alvoroço sincero juntamos as nossas misantropias.

Era Paulo Freire. De todos os camaradas que fizeram, ha 17 anos, com o seu exemplo, o meu berço jornalístico no diario «A Capital», Paulo Freire merece especial respeito e admiração pela frequencia com que o Destino tem matraqueado, brutal e inutilmente, o seu caracter inflexível. Mas apesar dessas ciladas ele continua zig-zagueando, com pulso de Cossaco, o seu *knut* impiedoso contra todos os Tartufos desta terra.

«—Ha gente que pensa que me artificializo para escrever—lamentou-se Paulo Freire. Equivocam-se. Eu sou mau, muito mau—e sincero quando reclamo castigos crueis para esses bandidos com mascara de honrados... A proposito... Sabes quem morren? Fulano...

### Fulano...

Fulano estava no frizo das *peessoas muito conhecidas*. Desde que me entendo que ouço falar de Fulano; e durante muitos anos, ao refletir sobre o seu apelido pomposo, julgueio-o afidalgado e descendente de uma gloriosa figura do liberalismo cujo nome está gravado numa rua de Lisboa e noutra do Porto e em varias terras da provincia. Só mais tarde me confidenciaram que esse apelido não lhe pertencia. ...E' que graças a uma habil prestidigitación, casára aos 30 anos com uma velha tarada—neta dessa historica personagem. Os irmãos interditará-na e Fulano, que fôra á caça da fortuna conseguiu, ao ficar viuvo, não se sabe como, apossar-se do apelido e dum solar acastelado, em ruínas, sem valor algum, que ela possuía, á beira dum rio, em pleno Minho. Fulano era um desses individuos cujo nome (o nome que ele escamoteára á defunta) passava pelos labios de toda a gente. Sirandava entre Lisboa e Porto, frequentando bons hotéis, bons *restaurants*, *cabarets*, e bastidores, gastando á larga, sempre com um rolo de notas na algibeira das calças—sem que se soubesse donde lhe vinha o dinheiro. Subito, recolhia-se á provincia para regressar ao exhibicionismo pouco tempo depois... Fulano era um misterio-vivo.

### Como conheci aquele castelo

--Recordas-te da reportagem que iniciéi ha coisa de um ano sobre as lendas e

historias dos castelos solares e conventos? — perguntei a Paulo Freire. Quasi sempre organisava ao domingo a caravana com o reporter fotografico e alguns amigos, mais ou menos conhecedores da região que me acompanhavam no auto e que me ciceronavam. Por duas vezes o nosso auto passára junto a um solar pretenciosamente acastelado, nas velhas linhas arquitetonicas—mas tão encardido e tão mal defendido contra os achaques dos anos que bastantes deviam ser—que me chamou a atenção. Uma dessas vezes os meus cicerones, consultados por mim, torceram os labios, com fastio d'interesse. Não valia a pena. Teimei, mais confiado no instinto do meu capricho do que nos dogmas arqueologicos; afastei uma porta toda filigramada pelos bichos, atravessei um pateo chapinhando poças de agua empapadas em lodo e durante fartos minutos aplaudi o silencio, a abobada celeste e as janelas fechadas... Passado meia hora apareceu uma rapariguita estrangeira, exquisita (exquisita é o adjetivo unico e exacto) que entre sorridente e aborrecida encortou ao minimo, o dialogo que eu tentava: «Que o castelo pertencia ao sr. Fulano (foi então que eu soube que Fulano tinha um castelo); que o Spr. Fu-

lano estava no Porto; que não podia mostrar-me o castelo porque não tinha ordens para isso e porque estava sosinha». Desisti—na certeza que ela mentia. E mentia por dois motivos: porque não era crível que ela habitasse sosinha aquele casarão lugubre; e porque, quando ha noite, regressando da *tournee*, passamos pela estrada vimos desembocar, do caminho que apenas conduzia ao castelo, um auto carregado de gente extranha...

### O segredo

«Foi um dia da semana—não sei qual. Passei por Braga e em Braga almocei com o meu grande amigo Esteves d'Aguiar, dos autos «Moon». Um amigo dele e apresentado meu da ocasião evocou a reportagem. Era conhecedor profundo da materia e da região. Falei-lhe de Fulano e do seu castelo e vi-o revirar os olhos e erguer os braços como um mussulmano ao escutar uma heresia. Eis o que ele me disse sobre Fulano: «Homem sem escrupulos e senhor de varios talentos crapulosos, ao herdar aquele casarão refletiu sobre a forma mais rendosa de o explorar. Primeiro: atraía com pretextos faceis, moças ingenuas que depois negociava não só aos amigos de igual consciencia mas endinheirados como também aos *caftenes*, exportadores da carne humaua para o Brazil e para a Argentina. A seguir instalou no solar roletas e bancas francezas, reunindo com todas as cautelas os riciaços viciosos da região... Mas o seu genio mais notavel a sua especialização, era a *martingala*, o truc, a batota; e tão grande fama conquistára entre os profissionais do jogo, nacionais e estrangeiros, que até de Espanha vinham discipulos instalar-se no castelo, aprender-lhe as manhas o que lhe dava um lucro quasi tão quantioso como o das orgias que organisava, com jogo, virgens ludibriadas e sequestradas e *papillons* contractados.

### O elogio postumo

«—Algo sabia eu sobre o segredo da fortuna desse «homem de bem»—confessou o meu illustre camarada. — Algo sabia do segredo do seu castelo—e por isso te anunciei a sua morte—ao falar-te de bandidos hipocritas. Indigestão parece ter sido a causa. Foi na semana passada, em Lisboa. E na noticia necrológica queimou-se muito incenso á sua vida exemplar e á sua honradez admiravel!»



# "Adão-Eva" o fenomeno exposto no Luna-Park que produziu sensação em Paris

Não são só as creanças que se embasacam e se intrigam ante os fenomenos e os monstros de circo e de feira — com a curiosidade ansiosa de os abrirem e verem o mecanismo secreto das suas entranhas. Tambem nós, homens — (eu, pelo menos) fazemos pasmaceira ante esses entes excepcionaes, que a fatalidade moldou em linhas caprichosas. Lembrar-mehei sempre a emoção com que perdi dois dias vigiando e espreitando uma barraca do Turó — Park de Barcelona onde se exhibia uma mulher com «canda de sereia»...

E' velho como o homem esse prazer de contemplar o aleijão, o fenomeno humano. O que eram os privilégios que os reis e os nobres ofereciam aos bôbos — senão fructos desse prazer entre sadico e infantil? A estilisação do fenomeno e o seu negocio teatral são antiquissimos. Victor Hugo, ao apresentar-nos o seu «Homem que ri — um aleijão de feira, avoengo dos homens-peixes e das mulheres de duas cabeças dos modernos Luna Parques fala nos de um monstro com tantos braços como budha que no seculo XVI percorria as feiras inglezas enriquecendo um monstro d'alma que o explorava... Mais tarde, com o avanço da sciencia veio o charlatanismo; o falso fenomeno; o monstro artificial... Evocarei a «mulher sereia», do Boulevard do Temple que em 1818 se desmascarou por ter, em publico, uma precipitada *delivrance*, flor dos seus amores com o «homem dos quatro olhos...» «a mulher que se queimava viva» da barraca do dr. Jacques, em Londres, igualmente descoberta por ter gritado quando um espectador experimentou a resistencia da sua epiderme com a brasa dum cigano; os trez irmãos siamezes do Alhambra de Londres os quaes ao ouvirem o grito de «fogo» se separaram e fugiram, correndo, sem necessidade de intervenção cirurgica — segundo nos conta Beld-

Ross no seu livro «Les Maitres Menteurs».

Mas se tem havido, na vasta galeria dos fenomenos, numerosas burlas e logros — a grande maioria é-o de facto. A Natureza tambem gosta de se entreter e fabrica desses brinquedos, com fantasia e variedade. As mulheres tórpedas (com Mr. Broun á frente, pesando 215 kilos); as mulheres girafas, com um pescoço de meio metro, como Miss Ellen Franz, que o circulo Bull apresenta; os homens de varios braços, de varias pernas, de varios tamanhos — pululam pelos parques de diversão e pelas feiras. Gigantes e liliputeanos então é só pedir por bôca. O mais alto da actualidade é Harry Smith, irlandez, mede 2 metros e pico; o mais baixo é Vasco Rozalez, valenciano e não atinge vinte centimetros,

sam dos 30 anos. Os liliputeanos pelo contrario são saudaveis, vivos, alegres e sentem-se felizes com a sua sorte. Há poucos mezes esteve em Lisboa uma troupe de revistas — toda ela composta de liliputeanos de ambos os sexos.

A «vedete» da Companhia uma boneca de dois palmos, desoito anos, gentis, confessou-me as suas intimidades: «— Gini (era o tenor) quer casar comigo; mas eu ainda não perdi a esperanza de me casar com um homem crescido... — «Como eu? perguntei-lhe galante. E ela, sorrindo-se, respondeu: «Não. Mais alto. Para baixo, tenho o Gini!»

O «homem leão» morreu há pouco em Viena. Tinha juba e toda a configuração craneana do reijos animais. Era filho dum domador que fora devorado por um leão na presença da esposa gra-

midades superiores ás suas e discutem os seus aleijões como as actrizes a sua beleza e o seu talento».

Luna Parck, que é actualmente o *rendez-vous* de fenomenos, conseguiu obter, há um mez, o mais extraordinario de todos, Paris inteiro corre ao Luna Parck para o contemplar. Trata-se de «Adão-Eva». «Adão-Eva» é um ser misterioso: meio homem — meia mulher. A direita é mulher — cabelos á «garçonne», seio farto com equilibrio e beleza, uma linha impecavel e todas as carateristicas do sexo feminino. A esquerda, cabelo d'homem, peito d'homem — homem completo...

Conta vinte e trez anos, nasceu em Colonia, na Alemanha, e até aos 14 anos passou por rapaz e como tal trajava e vivia. A puberdade, o desenvolvimento de metade dos encantos femininos obrigaram-no a mudar de *toilette* e de vida. Até que há pouco tempo o empresario do Luna Parck o (a?) descobriu e a (o?) contractou, ganhando ambos uma fortuna.

Grave problema o deste fenomeno humano! Se sentir a necessidade de amar — quem hade escolher? Um homem? Mas qual seria o homem que se arriscaria a levar para casa a metade masculina? Uma mulher? A esposa era capaz de ter ciumes da metade femenina, do marido... E se ele despertasse paixão por alguém? Se o apaixonado fosse homem e se se tivesse enamorado só da «Eva» — que faria do «Adão»? E no caso inverso?

E com que desprezo não hade pensar esse pobre fenomeno que existem por esse mundo fora tantos «Adão-Evas» — mas por vontade propria e não por imposição tirânica da natureza, como *ele* — ou como *ela*!



apesar dos seus quarenta anos. Os gigantes são sempre achacados de doenças, sofrem de horribéis dores de cabeça, vivem tristes, desgostosos e morrem novos. Mal pas-

vida... Burn, o celebre empresario de circos que chegou a reunir setenta fenomenos dizia: «São quasi sempre boas almas, doces, amáveis — mas chegam a incomodar-nos com a sua vaidade. Tem ciumes das disfor-

# Os dramas sombrios dos que vivem na opulencia

N.º 1—“A amante de luxo das cidades”

Uma «avenida» é sempre a «capital» de uma cidade. As «avenidas» estão para as ruas vulgares, para as ruas «numericas», como essas mulheres esplendorosas, «cleopatras modernas» belas e esculturais até enciumarem Athenas, que trajam como Imperatrizes e se enojam até aos olhos—estão para as mulheres modestas e simples, formosas às vezes—mas sem esplendor; elegantes—mas sem arte; as que agradecem com mais alvoroço uma flor do que as outras um diadema de safiras. As «avenidas» são de facto, as amantes fatais de uma cidade amadas até à loucura pelos municípios e pelos ambiciosos, arruinando, friamente, uns e outros, com as joias dos seus arcos voltaicos e dos seus anúncios luminosos; e com as «toilettes» de mármore dos seus palácios, «modelos-unicos» dos Paquins da arquitetura. Não se rasga nunca uma «avenida» para resolver o problema de habitação dos pequenos burguezes; para alastrar o «rodapé» do commercio ou para semear uma floresta de chaminés fabris... Abre-se uma «avenida» como se conquista uma amante—por vaidade, por capricho ou por paixão.

...A cidade viu um dia um caminho ou um labirinto de vielas desprezadas, enroupadas de tapumes remendados, encaputadas em casebres com as paredes no fio, com solo esburacado de poças...; e a «cidade» fixa esse pedaço de terra, como os velhos satiros observam gulosamente uma costureirinha gentil mas cujos encantos se ocultam nas trevas da miséria, com uma sacrilega blusa enxadrezada de remendos, que lhe asfixia o seio divino e ansioso de liberdade; com o rosto magazine ensombrado por uma mantilha horrenda e os pesitos dignos das mesmas conchas das perolas torturados em sapatos rotos e cambadas...

E então a «cidade», com a pupila a rebrilhar de cio, segue, persegue, presenteia, suborna, compra esposa se, por fim, daquela virgindade em flor; perverte-a, estilisa-a, enlaxa-a... Como? Comprando os casebres e terrenos como se fossem a consciencia duos pais sem consciencia; expropriando, violenta—como se encontrasse uma honestidade que preferis e miseria honrada à riqueza inconfessavel... Mas a «costureira» cai nos braços da «cidade»—e o «vieux vert», embriagado pela frescura da sua juventude, leva ao «colleur», a «m u cure», ao sapateiro, à modista, ao joalheir; acamam-lhe os cabels e enlaxados em band's an daluzes, à Yvonne; dependuram-lhe o chapeu de pedras nas orelhas, à «la Goya»; vestem-na; ensinam-lhe modas e gestos, a itudes...

E quando veem os engehelros, os arquitetos, os operarios, to-

do o pessoal da «cidade», rasgando tapumes, desmorrando casebres como se queimassem trapagens velhas—e a costureira fregoliza-se em «avenida», em «cocotte», em amante Imperial—o corpo, liberto das roupas que o atrofiavam, dilata-se em linhas helenicas, com amplos passeios, profundas perspectivas, calcada de asfalto espeelhante, enjolada de arcos voltaicos... E não gemeo é o destino da «cidade» e do «vieux çon»; das «avenidas» e de todas as «Zitas» que as «avenidas» mal se exibem no seu novo Invulcro doirado logo a cerca os admiradores, que a disputam, que a cubiçam, que lhe regalam mais «toilettes» de mármore, mais festas, mais pompa, embriagando-a com o Champagne das suas orgias electricas, roubando a á «cidade» que a lançou e levanto-a numa caminhada apoteolica e trágica, de paixões, de dramas, de ruínas e até de suicidios—o suicidio dos que lutam para ganhar fortunas e constroem um palacete na «Avenida»—e que se precipitam do alto dum deslize.

As «Avenidas» tentam e perdem como a ro'eta. As «Avenidas» são amantes perigosas. As «Avenidas» fazem parte do rol vermelho das injustiças sociais; e por isso as labaredas da alucinação popular as buscam de preferencia, as violam

—como os revoltados de Gomes Leal violavam as rainhas, nas escadarias dos palacios...

«Avenidas!» Zenith de ambição! Luz; muita luz; ar multo ar «Ferie» de palacios monumentais! Ricoletos, Paseo de Gracla, os «boulevard» (as avenidas populares de Paris); Campos Elísios; as avenidas de Etoile; Unterden Linden, de Berlin; Avenida Marie Louise de Bruxelas; a 5.ª avenida de New-York—a avenida das princezas dos dolares e dos arqui millonarios chelo congrena os de ouro; a Avenida de Maio, de Buenos Ayres a «vitrine» cosmopolita; a Avenida Rio Branco do Rio de Janeiro; e as no gas: a Avenida da Liberdade—a amante—Europa de Lisboa; a Avenida da Republica, a segunda—favorita do serrallo da capital, do serrallo de inumeras avenidas novas; a Avenida dos Alfios do Porto—que pena não ser mais alta; mas é ralice; conserva a riqueza das formas do Laranja! e adopte-se geralmente á: «toilettes» New-Yorquinas que a vertem... Avenidas... Sols como as mulheres! Sols como a vida! As apparencias iludem; Em nenhuma arteria da cidade se desenrolaram dramas mais sombrios que os nossos—de amor da ambição, da riqueza, do vicio! E sobre esses dramas que eu vou fazer a minha reportagem—transparentando as mulheres de mármore, radiografando as vossas fragels entranhas...

Foi ha poucos mezes... Até Saldanha nem um «taxi» livre que me levasse da capital... Não tenho pressa... A noite estava doce; uma d'queis noites em que o silencio parece filtrar sinfonias distintas... Autos multos autos illuminados, se cruzavam... D cotes... Smoek ng... selos constantes de jolas... Havia «premieres» em dois teatros e em trez ciemas; havia «orec» em

tr z legações e num salão dos mais selectos de Lisboa... Janelas e brançando luz... Janelas coando anelhas atravez misteriosas e coloridos «stors»...

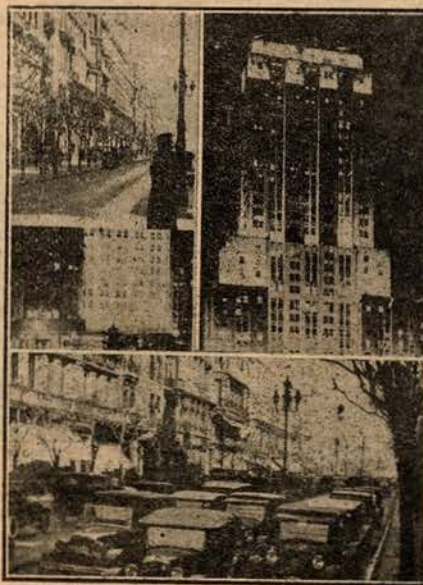
Escuto o tacnear duns passos que se apressam e sinto um braço que se enlaxa no meu... Falou-se de «avenidas»... De abafei tudo o que vinha pensando sobre ellas... E ele sorriu... apontou uma janela das que deichavam luz par o alfio; e a seguir entrá severamente fechada...

—O burguezinho romantico e ambicioso que a passara Invjará os que vivem por detraz de uma onde dentro... E mal advinhe que trage dia sombria tortura as almas que sangram ne-ses dois palacetes...

«Lares felizes, lares que se bastem a si próprios que se alimentam da propria felicidade—não abundam nestas paragens. A ambição primeiro—a ancia de dinheiro, porque as Avenidas são insaciaveis; depois, conquistado o dinheiro vem a sede de todos os prazeres... E a luta iniciada pela ambição intensifica-se depois tragicamente... Terminados os bailes, os chás, as «Soirées»—caem as mascaradas e as paixões dominadas durante horas libertam se, mordem se, combatem se... O amor, o ódio, as disillusiones, os ciumes—um horror! Nunca ouviste falar no caso das «cartas amarelas»? Correm de boca em boca, por toda a sociedade. Foi há pouco tempo—e foi ali, por detraz daquelas janelas. E logo por fatalidade essa intriga veio ferir um dos poucos casebres que resistiam á tentação da Avenida e que viviam venturosos... Mas a alma da Avenida—é «diavolo» e «Mach avei» simultaneamente... As «lentes Amarelas» são um simbolo—um simbolo dos dramas obscuros que se desenrolam neste bairro—mas poucos episodios me comoveram e impressionaram como este... E olha que eu tenho visto muito—nas Avenidas—Suicidios, desfaques, torturas d'almas, folhetins, misterios, proezas satanicas. e até roubos, roubos praticados por individuos d'aplidos gloriosos... Se quereis p-so começar por este epi ólio as minhas memorias do velho habita t- das Avenidas... Tens coragem? São quatro e tu e os tus leitores conhecem-nos a todo»...—E começou...

*Reporter*

Continua no proximo numero: «As cartas-amarrelas».



Visão cosmopolita das grandes Avenidas: A 5ª Avenida de New-York; Avenida de Mayo, de Buenos Ayres; «Unterden Linden» de Berlin; a Avenida de Rio Branco, no Rio...

# "A CADEIRA MALDITA"

## Reportagem sensacional sobre os condenados á morte nos Estados - Unidos

LEWIS E. LAWES, O DIRECTOR DE «SING-SING», O HOMEM QUE ASSISTIU A QUASI 200 EXECUÇÕES E QUE LIDOU COM CENTENAS DE CONDENADOS A MORTE DESCREVE-NOS TODO PROTOCOLO SINISTRO E CONTA-NOS EPISÓDIOS MAIS EMOCIONANTES DA SUA MEMORIA

A pena de morte é o assunto da semana. Bem friste a causa que a holofoto: a condenação de um compatriota nosso, Pita Soares que amou, que foi traído e que matou aquela que o burlava na sua honra.

Felizmente que diminuem de ano para ano os países que usam desse processo para castigar criminosos... Dos que teimam nesse sistema cruel e medieval—a Alemanha usa ainda o antigo cutelo e o verdadeiro mascarado (que nos últimos 20 anos só cinco vezes trabalhou); a Inglaterra conserva a forca, assim como a Austria e a Hungria; a Espanha o garrote—um anel de aço que estrangula o condenado até que o pescoço fica pouco maior do que uma moeda; a Bélgica e a Suíça usam... teoricamente a forca, visto que ha cincoenta arcos que nem uma nem outra executam nenhum condenado á morte; a França, a guilhotina—«La Veuve», como lhe chamam os apaches e que tem um ativo de 25.000 cabeças, contando com as da Revolução; a Russia e a Italia, o fuzilamento; e os Estados Unidos, embora tenha tentado o processo de executar os presos por meio dos gases asfixiantes (esperiência realçada em Carson City, Nevada) continua com a sua cadeira eléctrica, a «cadeira maldita», adaptada desde 1890—na qual morrerá o nosso infeliz compatriota a 9 de outubro proximo, se todos os esforços de Portugal não conseguirem salvá-lo...

Achamos de grande oportunidade reproduzir as capitulos das memorias de Lewis Lawes, superintendente da Cadeia de «Sing-Sing»—o homem que mais lidou até hoje com os condenados á morte e com a «cadeira maldita». As suas memorias, ineditas, em Portugal, são de um interesse emocionante. Reproduzimos o que ele escreve—mas não aplaudimos. Nós continuamos a pensar que um unico individuo é coerente quando mata o criminoso. Os outros não—mesmo que sejam juizes e o façam em nome da sociedade.—R. X.

### AS MEMORIAS DE LEWIS E. LAWES

«Desde 1 de janeiro de 1920, época em foi nomeado para superintendente de Sing-Sing—176 homens e 4 mulheres afrontaram o norte entre as janellas da secção dos condenados á pena ultima. Vou-lhes contar o que ouvi e vi enquanto esperavam o ultimo momento.

«Uma grande parte de condenados que não escapam á execução são creaturas que não tem recursos para pagar a um defensor particular. Portanto 90 por cento tem sempre esperança na revisão do

processo—embora essas probalidades sejam só de um por dez, variedade de portas falsas por onde eles escapam, dentro da lei, a cadeira eléctrica faz com que os condenados esperem anos inteiros pela comutação de pena ou... pela sua execução. Em certos casos as comutações só são pronunciadas uma ou duas horas antes da marcada para a sua morte. E por isso a esperança se acompanha até á propria cadeira eléctrica.

### A CASA DA MORTE

«Logo que é transferido para a «Casa da Morte» o condenado recebe roupas especiais cujo tecido muito forte não pode ser rasgado e não pode portanto servir para fabricar uma corda.

Foi tomada esta precaução para evitar que o condenado ponha termo aos seus dias pelo enforcamento; apesar disto um recluso conseguiu suicidar-se desta maneira. Uma outra vez um condenado fez uma corda com pedaços de algodão que lhe serviu de penço que ele guardava cuidadosamente. O proprio calçado é substituído. Taças, garfos, pimenta são prohibidos, as comidas são servidas em pratos de alumínio mole que se passam atravez do guichet e que são retirados logo após as refeições. Os lápis são igualmente prohibidos e uma unica qualidade de penas é autorizada; no entanto essa mesma pena deve ser substituída ao guarda logo que não seja precisa; a correspondencia é sujeita á censura mas o recluso pode escrever e receber cartas á vontade. É autorizado a receber jornaes e revistas com a condição de que venham directamente da redacção, mas o arame que serve para prender as Magazines é cuidadosamente retirado. Logo após a sua leitura jornaes e revistas são levados porque já um recluso fabricou uma mooca com as folhas arrancadas a um magazine, com chiclets (goma que os americanos mastigam constantemente) e com bocados de cordel.

O condenado é barbado por um barbeiro de confiança, e com uma maquina especial e na presença de um guarda. Uma ou duas vezes por semana o condenado deve passar as mãos pelo «guichet» e o guarda corta-lhes as unhas porque se deixassem crescer poderiam servir para picar as arterias dos pulsos. Os fosforos são prohibidos e os guardas é que acendem os cigarros ou churutos aos reclusos. Todas os utensilios das celas são fixos e as luzes estão fora das grades. A situação do condenado é sobre todos os pontos de vista igual á de um rato na ratoeira.

É curioso notar, que apesar d'uma grande parte dos condenados não deixaria de se suicidar se lhe fosse possível, são todos extremamente cuidadosos com a sua saúde; vendo-se por exemplo, estenderem jornaes no chão para se percerarem das constipações; e isto explica-se, talvez, pelo facto de que o suicidio produz uma morte instantanea ou quasi ao paço que a doença faz morrer lentamente.

Outra anomalia que parece uma verdadeira ironia da sorte: Acontece muitas vezes que enquanto a um grupo de empregados dá a morte a um homem na camera da execução um outro grupo trabalha na enfermaria para salvar a vida a um condenado. Tem acontecido por diversas vezes ter restituído a vida a um homem que saía da enfermaria para ser executado. Casos há em que é com dificuldade que consegue prolongar a vida dum condenado até á execução.

### A DEMORA DA AGONIA

Dantes a demora entre a transferencia do recluso para a cela do condenado á execução estendia-se até dois anos, hoje representa pouco menos d'um anno.

Durante este periodo os condenados tornam-se geralmente muito piedosos. Isto não significa que tenham sido privados das luzes da religião antes de terem entrado na prisão, mas a sua fé fortifica-se consideravelmente pela leitura e contemplação dos exercicios religiosos. As consequências d'esta evolução são notaveis: Com raras excepções estes homens caminham para a morte com a coragem e o sangue frio que lembram os grandes martyres da historia. Alguns até lhe parece correrem para a morte com algría.

Na sua maior parte quando entram para a prisão os reclusos são analfabets, pois apesar disso qual se todos sabem já ler e escrever antes da data fatal. Ha alguns que adquirem o gosto pelas boas leituras (livros são-lhe fornecidos pela biblioteca da prisão) Ha outros que escrevem as suas memorias e as suas impressões em verso e em prosa. Quasi todos dão prova de muita habilidade fazendo cizarras com cascas de laranjas e estatuetas com miolo de pão.

Alguns condenados mostram-se estoicos e recusam as consolações da religião: Um delles disse-me: «Que diabol no fim de contas não devemos nós morrer todos? Mais vale morrer sobre uma cadeira do que sobre a cama...» Estas palavras não eram uma bravata porque até ao fim conservam sempre a mesma attitud. Um outro,

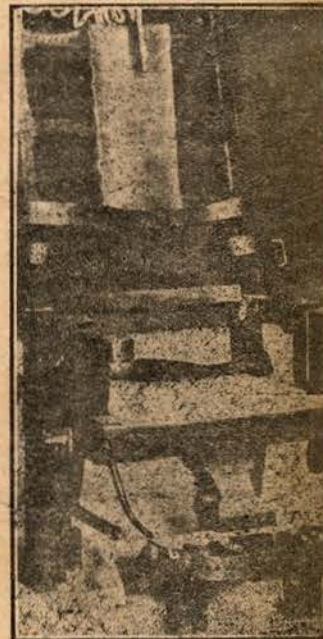
um rapaz intelligente que tinha alguma instrução disse-me: «A vida é uma farça senhor superintendente ninguém sai d'ella vivo!»

Vl bastantes que não davam mostras de nenhum receio aparente relativo a sua sorte e que se consideravam heróis morrendo pela sua causa.

Outros pareciam absorvidos por uma unica preocupação: Se o cumplice que os denunciara acabaria tambem na «cadeira ardente?»

### NAS BARREIRAS DA LOUCURA

Cada recluso é examinado de tempos a tempos por tres alienistas designados pelo Governador a quem o viciam o seu relatório. Poucos são os condenados que succumbem na loucura. Os que enlouquecem são transferidos por ordem do governador para o Hospital de Dame para reservados para os presos que soffreu de alienação mental. Alguns são doídos não sob o ponto de vista legal mas sob o ponto de vista medico. Outros apresentam características de degenerencia mental mas não são menos responsavel



«Cadeira Maldita»—A cadeira eléctrica de «Sing-Sing» onde já se sentaram mais de 200 detentados

(Continua no proximo numero).

# O portuguez noivo da "cadeira-maldita," Emocionante reportagem sobre Joaquim Pitta Soares

(Do nosso enviado especial)

«Reporter X» entrevista a familia do nosso desditoso compatriota. — Quantos portuguezes téem sido condenados á morte no estrangeiro. — Em Darque. — Destinos fataes. — A alma generosa de Joaquim. — O que diz a pobre mãe. — A infancia e a epopeia de trabalho. — Quem era a mulher que Pitta Soares matou e porque matou. — A ultima e comovedora carta do condenado á morte.

mes, mostrando-se tão severo com um marido ultrajado como um apache que degola o pacato burguez para o roubar. O nosso temperamento, a nossa educação sexual e sentimental revoltam-se contra esta verdade—mas ela é evidente. E mais do que evidente... é perigosa. Todos os portuguezes que emigram e que fora de Portugal resvalam nas armadilhas floridas do amor deviam refletir primeiro sobre a frequencia com que os seus compatriotas são condenados á morte no estrangeiro e causa dessa coadnação. Pode-se mesmo afirmar que todos os portuguezes que saem de Portugal vivem lá fóra sob a constante ameaça de serem condenados á morte—porque se todos estão na contingencia de serem burlados no seu amor—todos estão, igualmente sujeitos ao mesmo desvairo sangrento que perdeu o pobre Pitta Soares.

Em redor deste desgraçado que matou á portugueza por ter sido ultrajado á americana, ergueu-se um movimento geral de piedade, em que todos colaboram desde o governo até á imprensa. «Reporter X» por todos os motivos não podia esquivar-se a participar dessa obra generosa, humana e justa... E participa—informando-o. Um dos seus redactores partiu para Darque onde vive a mãe e as irmãs do desgraçado Pitta Soares. Eis a sua reportagem.

## EM DARQUE, COM A FAMILIA PITTA SOARES

Darque II—(do nosso enviado especial): Cheguei a esta vila ao cair da tarde. Um empregado da estação, stencioso e servical como todos os humildes

oferece-se para me guiar até ao lugar onde vive a «Tia Rola» a mãe do infeliz Pitta Soares.

Pelo caminho fomos trocando algumas frases que diziam respeito ao motivo que me levava a Darque, com bastante admiração do senhor José, pois até aquele momento ainda nenhum reporter dos diários do Porto e da Capital appareceu por cá:

—Conhecia o Joaquim Pitta? perguntei.

—Conhecia sim senhor! vi-o da ultima vez que ele cá esteve—não me lembra bem, mas já há bastantes anos.

—Que tal era o seu character? —Muito bom rapaz, muito

amigo dos seus. Imagine que quando ele veio aqui dessa vez, encontrou a familia num estado tam deploravel, que quasi não tinha com que cobrir o corpo; e viviam todos numa cama, e eram muitos...

—Onde mora a tia Rola? indaguei.

—E' aqui já abaixo, no lugar do Ribeiro.

Chegamos: o meu cicerone, chamou em voz alta. Houve algum reboliço no interior daquela casa. Apareceu-nos, toda tremula a pobre velhinha, que no seu fado só conta misérias e desditas.

—O senhor traz-me noticias do meu filhinho?

—Não, minha santa. Eu venho representar um jornal de Lisboa. Quero pedir para me conceder alguns minutos de attenção, porque estou encarregado de reproduzir as suas palavras. Todos os bons portuguezes se interessam por esta causa tão justa!

—Ai meu filhinho; não há ninguém que tenha sido mais infeliz do que eu. O outro, Manoel, meu rico filhinho! morreu queimado em Africa; e este agora que era o nosso homem tanto bem nos fazia... Se ele morrer; ficaremos de novo na miséria. Que desgraça meu Deus!—E a pobresinha intermeava as suas frases com lágrimas e soluços.

—Ele era tam bom rapaz! Nunca esteve preso, e agora, pobresinho, matou-se a ele e manteve-nos a nós. Que ha-de ser de mim e das minhas filhas? A minha filha Maria é viuva e tem 4 filhinhos, e o seu unico sustento, era o mesmo que o nosso... Meu pobre Joaquim...

—Diga-me agora alguma coisa ácerca do seu passado...

—Eu que lhe hei-de dizer meu senhor! Ele era tão bom, para nós. A minha Deolinda, aquela que ali está; coitadinha, sabe? não tem o seu juizinho todo—ela diz a todos que o seu paesinho era o Joaquim. Quando o meu defunto era vivo, nós eramos muito respeitadas; a nossa familia era das melhores e a que gosava por estes sitios de maior consideração. Para isso podem servir de exemplo os parentes que nós possuímos no Porto, em Viana e mais espalhados por este mundo fóra. E que nesta infelicidade não foram os primeiros a tomar a iniciativa para salvar o meu Joaquim, que é primo deles.

—Mas sobre o Joaquim—insisti de novo.

—Olhe: tinha treze anos quando decidi embarcar para Manaus. Não ganhava para ele, e queria ganhar para a mãe e

para as irmãs, porque depois que o meu marido morreu, a nossa vida começou a andar para traz, a justiça e a inveja de todos fizeram naufragar a nossa casa, e tudo quanto tínhamos gastou-se e perdeu-se no decorrer dos anos. Então o meu Joaquim quiz ir trabalhar, e lá foi para Manaus. Nos primeiros tempos trabalhou com o officio de trolha, mas ele era ambicioso e o que angariava com aquele trabalho não lhe chegava. E como queria mandar dinheiro para a familia, saiu de trolha e arranjou um logar como embarcação em uma companhia de vapores inglezes, que fazia viagens entre a America do Sul e Norte. No fim de seis anos voltou a Portugal. Trazia um dinheiro que ganhou nos vapores, que serviu para comprar esta casinha onde nós vivemos e que é dele. Desempenhou-nos e comprou-nos roupas para o corpo, pois nos encontrou em bastante miséria.

«Esteve cá dois anos, e manifestou de novo ideias de voltar. Nessa altura encontrava-se cá um médico portuguez, com residencia fixa no Rio de Janeiro que se interessou pelo rapaz, querendo-o levar para lá, o que ele não aceitou. E despedindo-se de todos, tomou conta do logar que antes desempenhava e numa viagem que o vapor em que ele servia, foi á America do Norte e ficou por lá. Fixou lá a residencia há dez anos, trabalhando a principio como mecânico no campo de aviação de Philadelphia e há seis anos saiu para o commercio. Parece-me que agora estava como empregado de escritorio. Há muitos anos já escreveu-me a dizer que lhe ficavam livres de todas as despesas 2.500\$00 por mez.

«Ele devia ganhar muito dinheiro; porque só mandava os juros sem bulir no capital. Habitualmente mandava-me de seis ou de trez em trez, um conto ou um conto e quinhentos, mas já há um ano não manda nada. Nessa ocasião pediu-me licença para se casar; mas eu não sei porque ele fez isso, visto já ser de maior idade, e não precisar do meu consentimento. Passado esse ano tive uma carta d'ele, a pedir-me que lhe mandasse di-



Uma fotografia inedita do portuguez condenado á morte. O desventurado Joaquim Pitta Soares\* o que matou por amor...

zer enquanto montava as minhas dividas (o que nos leva a supor que já tinha então praticado o crime) dizendo-me tambem que como não tendo filhos, os seus unicos filhos eram suas irmãs. Depois d'essa escreveu a carta que vou mostrar pedindo-me para que fosse junto dos parentes para eles intercederem em seu favor. Só então, meu querido senhor, é que nós subimos a grande fatalidade!?! A pobre velha deixa-se cair numa cadeira, num soluçar angustioso. As filhas e os netos que o pobre Joaquim sustentava acercam-se-lhe... Só a louca, a irmã mais nova do condenado á morte, arregala os olhos expressivos, num mixto de pasmo e de aflicção... Não sabe chorar... Alguem que se nos acerca, segreda-nos:

«—E' uma martir esta mulher! O outro filho, morreu queimado pelos indigenas revoltados, numa Campanha Colonial... Uma filha viuva, na miséria, com uma ranchada de filhos... A outra—alienada... E Joaquim, que era a salvação e o consolo desta gente condenado á morte... Quer ler a ultima carta que ele lhe escreveu á mãe?»

Mostra-nos... E' escrita a lapis. Confrange pela simplicidade com que expõe a sua propria tragedia. Ell'a:

Minha querida Mãe: Estimo que ao receber estas duas linhas que a encontre de perfeita e feliz saúde e a todas



James Koogan, o unico homem que se senta á corrente da "cadeira electrica,"



A caminho da "Casa da Morte," onde Pitta Soares espera a sua ultima hora...

Um portuguez a quem o Destino enlaçou num dos seus caprichos de Gran-Diavolo e que foi condenado á morte lá longe, em terras estrangeiras! Que aflitiva e extranha e individual angustia se apossa de toda a collectividade. Individual, porque nos sentimos pessoalmente atingidos pela fatalidade, num parentesco tão próximo como se se tratasse de um irmão. Colectiva—porque todo o paiz compartilha da mesma dor! E' uma ansiedade paradoxal feita de imprevistos e desencontrados sentimentos. E' como se cercássemos o leito dum ente querido em torturas agonicas—e o leito estivesse vazio; e o agonizante, cheio de vida, nos acompanhasse de longe... E' como se assistíssemos a um ataque muito lento, um assalto *au ralanti* contra esse ente querido invisivel, e sendo fácil a cada um de nós salvá-lo—nos dominasse a apatia dos pesadelos—aquela apatia que não nos deixa gritar quando em sonhos somos estrangulados por fantasma revestidos de fosferencias raras... Mas o que torna mais inquisitorial essa angustia colectiva é o facto de não existir em Portugal pena de morte... daquelas fatalidades de que nos julgamos defendidos para sempre—nós e os nossos—está esse inferno que deve ser-se executado com todo o seu cruel cortejo de esperas e protocolos gran-guignolescos... E por nós julgarmos libertos dessa fatalidade é que a fatalidade que cae sobre um compatriota nesse se nos figura inverosimil, mais justa ainda para nós do que para o resto da Humanidade... Ter-se nascido numa terra onde foi banida dos codigos a pena ultima, imigrar, cheio de esperanças e de fé, e sair assim na cilada da lei—na peça ultima! Que eporma! tortura

para todos nós! Mas o que será para ele, para o infeliz Pitta Soares? O que será para a pobre mãe, para as pobres irmãs?

Mas essa fatalidade amidou-se nos ultimos anos de uma forma tenebrosa. No século XIX, e após a abolição da pena de morte em Portugal, que eu saiba, só dois portuguezes foram ameaçados com a execução capital. Abílio Correia e Sá—mator da esposa, uma anstriaca com quem casara em Viena; e Luiz dos Santos, assassino da amante que, como a esposa da quele o traia, em New Belford. E ambos viram as condemnações substituidas pelo degredo graças á nossa diplomacia. Nestes primeiros 30 anos do século XX—Pitta Soares ocupa o vigessimo logar na negra lista. Para que recordar o «Caso Coelho» que assassinou a esposa que ele salvara da miseria e do lódo e que lhe pagara o generoso amor com a mais reles traição; o caso Coelho que os tribunais inglezes condenaram á força e que o governo portuguez, o marquez de Soveral e o proprio ex-rei D. Manoel o salvaram do patibulo? Para que evocar os dois portuguezes condenados á morte na Galiza, há um ano e tal; e o Medeiros, electrocutado na mesma occasião que Sacco e Vanzetti, igualmente no Estado de Massachusetts? Mas dos vinte portuguezes condenados á morte, cinco foram indultados quasi sem nossa intervenção; sete com uma intervenção; cinco aguardam o indulto ou foram escamoteados á publicidade apenas dois foram executados. Os Estados Unidos e a França são os dois paizes que condenaram á morte maior numero de portuguezes; e detalhe... a refletir: dos vinte—apenas sete caíram no engenho da lei por actos de banditismo. Os restantes treze mataram por amor...

Digam os serenos filosofos e os modernistas condescendentes ante todas as injurias amorosas—o portuguez mata quando é atraído não porque seja um criminoso mas sim por que ama com masculinidade, com pudor, com altivez... O nosso código prevê o flagrante delicto e é benevolo com todos os crimes passionais... O triunfo perigoso e pouco lisongeiro do feminismo em vários paizes fez com que os juizes e as leis nivelassem esse género de crime aos outros cri-



A' ultima hora

"REPORTER X," ENTREVISTA TELEGRAFICAMENTE

# Joaquim Pitta Soares

que por intermédio do nosso jornal suplica aos seus irmãos portugueses que não o abandonem, agradecendo o que se tem feito por ele

«Reporter X» cumprindo o seu principal programa «semanario das grandes reportagens»—cuidou, tanto, quanto estava ao seu alcance, do assunto mais pilpitante da semana: a condenação á morte nos Estados Unidos do nosso compatriota Pitta Soares. Mas essa reportagem ficaria incompleta se não obtivéssemos do protagonista deste drama uma entrevista por mais sintética que fosse; e como estamos no seculo de Marconi—as ondas nartzianas foram as nossas «enviadas especiaes» á America. Telegrafamos ao director da prisão de Lowell, solicitando-lhe que por seu intermédio, Pitta Soares recebesse e respondesse as perguntas que lhe dirijiamos nesse mesmo telegrama. Pouco antes do nosso jornal entrar na maquina recebemos dois telegramas. Um é redigido nos seguintes termos, dirigido ao paiz:

«Confio no auxilio dos meus compatriotas e conto com eles para que, apelando para o Presidente do Supremo Tribunal, possa salvar-me a vida. Agradeço-lhe tudo quanto fizer por mim e rogo que apresente em meu nome aos seus colegas da imprensa e ao povo portuguez o meu mais comovido reconhecimento pelos esforços que tem empregado em meu favor.

Joaquim Pitta Soares.

No segunddo telegrama, e respondendo ao nosso curto questionario, diz:

«Nunca tive uma mancha na minha vida. Toda a gente pode provar o grande amor que eu tinha por essa mulher. Mattei-a inconscientemente, no maior desvairo e porque ela me feriu profundamente. O meu drama, data de 17 de Outubro de 1928. Apresentei-me logo á prisão. Falso que fugisse. Estou arrependido do meu crime e lamento mais a sorte da minha familia desamparada do que a minha».

Os telegramas vieram em inglez e numa redacção tão sintetica que nas pressas com que o traduzimos apenas procuramos esclarecel-os sem alterar no minimo o sentido essencial. Depois da assinatura do nosso desventuroso compatriota, vem o nome do director da Cadefia de Lowell, Mi. Cambriger, a quem agradecemos as facilidades prestadas.

Devemos á Companhia Portuguesa Radio-Marconi o publicarmos neste numero tão flagrante e oportuna reportagem porque realmente, os seus serviços, tão perfectos como rapidos, são indispensaveis a um jornal moderno.



as minhas, irmãs que eu felizmente estou bom. Minha querida mãe! Sinto muito da minha parte em lhe escrever esta carta, visto a mesma lhe levar a noticia da minha morte. Como sabe eu não roubei nada a ninguém. Estou prêso pelo amor de uma rapariga que tanto amava e pelo amor me leva a perder a vida. Agora eu peço á Senhora para falar com o primo José Jacomo do Porto e com o primo Douctor, de Viana, que me tirou da vida militar e com os primos Padres de Vila Fria para eles pedirem ao nosso Governô em Lisboa, para êle pedir ao Governô Americano, para me perdoar a sentença de morte, porque eu nunca fui prêso, nem nunca fiz mal a ninguém. Tenho trabalhado sempre. Só êles, me pedem dar o perdão. Eu já lhe



A familia de Pitta Soares.—A mãe, as trez irmãs (a da esquerda enlouqueceu); e o irmão queimado nas colonias, em 1922, durante uma revolta indígena

podia ter escrito para lhe participar mas eu não lhe queria dar esta má noticia, o que talvez alevard á sepultura. Mas não que posso passar sem lhe escrever esta carta talvez seja a ultima que a Senhora leia, escrita pela mão do seu unico filho, que nunca pensou em acabar os seus ultimos dias da vida dentro de uma prisão. Escrevo-lhe esta da prisão, com as lágrimas, arrependido da má sorte que Deus me deu, pensando que nunca mais a pes-

so vêr á Senhora nem á minhas irmãs que tanto amor lhes tinha. Agora eu peço á Senhora para não chorar nem pensar, porque Deus foi quem me deu esta sorte. Estou satisfeito com ela. Com esta não a enjudo mais. Peço á Senhora para dar um abraço á Rosa um abraço á Conceição, um abraço á Maria, um abraço á Ana, um abraço á Deolinda e peço-lhes que nunca desamparem pela doença que ela tem. Dê um abraço aos filhos da Ana e aos filhos da Maria. Lembranças ao cunhado e a todos os parentes e a Senhora aceite um abraço deste seu querido filho que a estimou até á morte.— (a) Joaquim Pitta Soares.

—Pobre irmão nosso!

FERNANDO CAL

# “A mulher das agulhas”

Está desvendado o misterio de Alzira Franco?—  
Histerismo ou sadismo—O que diz a mãe; o que  
insinuam os vizinhos e o que pensa o medico

## Do enviado especial do “Reporter X” a Porto de Moz

O caso de Alzira Franco, será tudo o que os doutos medicos e as bruxas de Alcobaca quizerem—mas não é um caso banal. Infermiça, desde sempre, histerica, epileptica, recolheu ultimamente ao hospital da Universidade de Coimbra com o corpo cheio de tumores. Qual não foi a surpresa dos medicos ao lancetarem-na, descobrindo uma agulha em cada tumor! E cada agulhão! E algumas ainda com linha—como se a desventurada moça tivesse um «atelier» instalado nas entranhas... E como eram muitos os tumores inumeras foram as agulhas que lhe arrancaram da carne. Badalou-se bastante em redor deste misterio—subitamente silenciado com a explicação dos doutores, afirmando que era ela propria, a Alzira, quem, na cegueira das suas crises histericas, se picava com as agulhas, introduzindo-as tão profundamente no corpo como se quizesse oculta-las. Dado o laconismo deste esclarecimento o «Reporter X» resolveu enviar a Porto de Moz, terra natal da pobre moça, um dos seus mais brilhantes reporters—Eduardo Frias. Eis o resultado deste «raid» jornalístico.

Porto de Moz, 16 de Agosto.—Eis-me chegado á terra da «Mulher das Agulhas»; e logo ao primeiro contacto, como já sucedera na passagem por Alcobaca, notei que o caso que aqui me trouxe, apesar do seu denso sabor a misterio, pouca sensação produziu entre esta gente que o encara com a mais calma naturalidade. E' que, como mais adiante se verá, os casos misteriosos são frequentes nesta região onde os bruxos e feiticeiros pululam como na Idade Media. Antes de mais nada visite a mãe de Alzira Franco, que se chama Maria Jacinta—uma velha simples e simpatica que se surprehe da curiosidade levantada á volta do caso de sua filha. E como eu lhe notasse que nunca se viu uma nespereira dar ananazes nem um corpo de mulher produzir agulhas, pergunta, num pasmo ingenuo:

—Mas as agulhas não são como quaisquer outras? São? Então porque é que se admiram? Apoquentada estou eu e ha muito porque desde pequena que a Alzira me dá desgostos!

—O qué? acudo eu. Ha muitos anos que lhe aparecem agulhas no corpo?

—Quais agulhas! Qual diabo! Eu não sei nada disso. Os desgostos veem da doença... Foi sempre nervosa, tendo ataques em que fica como morta.

—Mas... e as agulhas? insisto.

—E o senhor dar-lhe com as

agulhas! Sei lá... Se calhar é obra dalgum estúpido que lh'as espetou para ela voltar a si.

—E não seria ela quem as espetasse?

—Credol! Que ideia!

Um vizinho arrisca uma hipótese:—«Sabe qual é a minha opinião? Aqui anda bruxedo! E' um velhote com olhos de raposa que está morto por intervir, aproveita a deixa, lambe os labios como se tivessem calda de pudding e murmura:

—Aqui ha cousa—olé se ha! Existe gente para tudo neste mundo! O senhor nunca ouviu falar em homens perversos que só gostam de mulheres mortas? (E como eu repetisse, afectando espanto: mortas?—insiste:) «Até quando estão a cheirar mal é que eles as querem.

—Mas... e as agulhas?—teimo; e ele piscando os olhos dá um estalo com a lingua e prossegue:

—Estou na minha... O senhor deve ter ouvido falar nas esquisitisses desses despravados... Uns querem ser chibatados; outros, quando teem as costas cheias de vergões é como se tivessem roubado beijo a essas mulheres de cinema... Ha desalmados que sentem até prazer em que elas lhe rasguem a pele com uma espora... E outros ainda que dão o cavaquinho por espetar alfinetes... São aberrações, como se diz nos livros. (E como eu perguntasse de novo: «E as agulhas?» ele impa-

cienta-se:) Vocemecê nem parece dos jornaes! Está mesmo a meter-se pelos olhos dentro. Ou é a rapariga que gosta de agulhas enterradas, ou é algum devasso que aproveita os desmaios dela para lh'as espetar!

\*\*\*

Este erudito vizinho abala. Felizmente que a mãe de Alzira não o escutou... Ao regressar com outros curiosos, a pobre velha queixa-se que a região está infestada de bruxos.

—Um desses malditos está preso—informa uma amiga. E' o Joaquim Margalo—e dizem que era ele quem metia as agulhas no corpinho da Alzira. Os bruxos aqui são uma piaga. Ainda ha pouco um deles—Joaquim Cantigas—armou um valente sarilho. Meteu na cabeça a uma mulher que a doença do filho era causado pela sogral. Sabe o sr. o que sucedeu? Esperaram a velhota e pregaram-lhe uma sova. E o bruxo recebeu dinheiro pela consulta! Ha tambem um outro bruxo, muito conhecido, Eduardo Pedro, mora na Rua da Estrada 9 vive dos bruxedos—mas para disfarçar diz que os seus rendimentos veem das rendas e bordados—que o patife borda como se fosse uma mulher.

Ao despedir-nos a pobre Jacinta diz-nos apenas:

—Eu só queria que os srs. doutores de Coimbra curassem a minha filha!

\*\*\*

Solicitei a opinião do distincto administrador do concelho—o dr. Armando dos Santos Crespo. Eis o que amavelmente nos dictou:—«Alzira é uma doente—uma epileptica. O caso das agulhas não é novo. Já aqui lhe extrairam uma do ventre e duas das pernas. O medico que tratou aqui inclina-se para a hipótese que a pequena, num dos ataques, tivesse caído sobre a almofada das agulhas e estas se tivessem introduzido no corpo desaparecendo então e dando agora sinal de si. E' tudo quanto sei!»

Ao regressar a Lisboa e ao reflectir sobre tudo quanto escutava não pude deixar de evocar aquele conto de João do Rio—«Dentro da noite» onde aparece um satiro como aqueles que o velho vizinho da Jacinta attribuia o mistério das agulhas...

Eduardo Frias

(Especial para o «Reporter X»)

### Aviso aos assinantes!

Tendo os correios, por equivoço, devolvido á redacção alguns exemplares do nosso 2º numero destinados aos assinantes rogamos a fineza de nos enviarem um postal avisando nos de qualquer falta, sempre que não receberem o nosso jornal.



# qual foi o momento mais emocionante da sua vida?

Respondem ao nosso inquérito o dramaturgo Victoriano Braga e o jornalista Gomes Monteiro e as suas respostas são, por vezes, empolgantes



## Gomes Monteiro, jornalista e poeta, conta um caso banal, mas apaixonado

Gomes Monteiro, jornalista profissional dos mais cultos e inteligentes, poeta inspirado, temperamento feito de uma só peça, de antes quebrar do que torcer, tem tido uma vida acidentada, que imperiosas circunstâncias tornaram aventurosa.

Esteve em Africa, servindo nas fileiras do exercito português durante a guerra. Conhece o interior da Angola como os seus proprios dedos, porque o palmilhou a pé, metro a metro, sob um sol esmagador, curtiundo febres, passando fome, entre o perigo das feras e dos homens que são, por vezes, bem piores do que as feras.



O distinto jornalista Gomes Monteiro

—Eu acredito, porque já o senti — dizia nos dias, há dias a propósito das suas forçadas aventuras no sertão africano — que um sofrimento grande, insupportavel, possa levar o homem mais firme à tragédia do suicidio. Há casos em que a morte, tão temida de todos os seres vivos, se transforma em alívio, em libertação. Ela é o oasis fresco e acolhedor desta viagem tormentosa, através do deserto ardente que é a vida.

«Há anos, em Africa, em uma marcha forçada através do sertão, conheci de perto as torturas da sede. Não havia água, o calor soprava. Marchava-se mecanicamente, a garganta seca, a boca aberta porque a sede não no deixava fechar e o corpo debilitado por longos jejuns, porque o homem que não bebe perde o apetite. Não podendo suportar por muitas horas mais o desespero da sede, pensei muito a sério, em meter uma bala na cabeça. E meté-la-lá! Momentos depois chegou um carro com água. Foi uma gota a cada um. Mais adiante, surgiu um charco de água esverdeada, pôdre. Lançamo-nos de bôco, sófregos, a bebê-la. Uma muar sedenta arremeçouse ao charco e morreu afogada. E nós, indiferentes, bebemos ainda daquela água roijnta, mas salvadora, quasi milagrosa»

—Foi esse o momento mais emocionante da tua vida! — exclamámos:

—Deveria ser, julgas tu, e não foi — respondeu Gomes Monteiro, sorrindo. — O momento mais emocionante, o que me causou maior terror, o que me fez erguer os cabelos, sendo mais futil, quasi insignificante, emocionou-me muito mais. Olhamos surprezos o nosso colega.

—Foi um caso da minha vida profissional, — contou elle — desta nossa vida de todos os dias que tu conheces tão bem como eu. Um caso triste, mas banal: um marítimo ao atravessar uma lancha sebenta e escorregadia, deu um a queda desastrosa e morreu. O meu jornal enviou-me ao cais de Santos, onde se dera a ocorrência, averiguar o caso. Poderia, às vezes, haver crime... Cheguei ao cais, de noite, noutra tenebrosa de inverno. Levava o meu sobretudo com pelica e uma bengala debaixo do braço, utensilios demasiado complicados para quem, como eu, tinha que descer umas escadas de ferro pregadas na muralha, às escuras, mal sabendo onde pôr os pés. Desci, mas a bengala caiu me à água, o que me contrariou porque pensei que em vez da bengala poderia ter caído eu. Alanceei a lancha, e na obscuridade não sabia onde punha os pés, que me escorregavam no encerado, o mesmo onde escorregara o marítimo viimado. Ah, naquele sitio, por uma queda desastrosa. Esta ideia aterravame. A visão de que me poderia succeder o que succedera ao marítimo, apavorava-me. Eu antevia o homem com o crâneo fendido, e via-me já no mesmo estado. Foi esse, meu caro, o momento mais emocionante da minha vida.

E nós acreditamos piamente nas palavras de Gomes Monteiro, porque o conhecemos, porque elle através de tudo, servido por uma grande coragem moral, só diz a verdade, a verdade nua, por muito desagradável que ela seja. — M. D.

## O grande dramaturgo Victoriano Braga conta dois episódios

Victoriano Braga, que é incontestavelmente um dos primeiros dramaturgos do nos o tempo, pela emoção que põe nos seus trabalhos e pela consciência, honestidade artistica, com que trata a sua obra, não podia escapar ao nosso inquérito. A pergunta, que já vai entrando nos nossos meios intellectuais como um habito a que ninguém pode fugir, foi-lhe feita por nós, inesperadamente, quando o grande escritor teatral satoreava despreocupado, no Café Chiado, o seu café bem açucarado.

—Qual foi o momento mais emocionante da sua vida?

Victoriano Braga sorriu aquelle sorriso entre amargo e irónico que lhe é peculiar e respondeu:

—A vida é formada por uma série quasi ininterrupta de emoções, emoções intimas que nem afloram à epiderme. Há almas que são como palcos onde um drama constante se representa em silêncio.

Reparou aquelle nosso amigo que estava, com as suas considerações, fazendo litteratura... teatral e desculpou-se: era o habito...

—Tenho tido muitos momentos emocionantes na minha vida, mas dois ficaram-me bem gravados na memoria. São momentos muito meus, muito intimos que pouco poderão interessar ao grande público. Um é de natureza alegre, outro triste; ambos, no entanto igualmente emocionantes.

“O primeiro, o alegre, conta-se em breves palavras: eu era novo, cheio de ilusões e estava convencido de que juizes, reputações, consagrações, tudo quanto desse a certos homens um aspecto superior, correspondia absolutamente à verdade dos factos. Tinha escrito a minha primeira peça, «Octávio», e cheio de respeito, tomado por um certo terror, apresentei-a no teatro Nacional. O juri aprovou-a. E quando de tal tive noticia invadiu-me uma alegria indescriptivel. Mil pensamentos tumultuaram-me no cerebro, outros mil sentimentos se me entrechocaram no coração. Em mim avultava a ideia, não isenta de vaidade perdoável, de que a minha intelligência, a minha sensibilidade, coadas através dessa peça, iam interessar a milhares de pessoas, comovê-las, vencê-las.

—E a emoção de tristeza? — perguntamos nós, curiosos.

—A de tristeza foi mais tarde. Já eu perdiera muitas das minhas ilusões. A antevisão do público aplaudindo ou reprovando as minhas peças já não me comovia, não me causava a menor im-



O admiravel dramaturgo Victoriano Braga

pressão. Começava a escrever mais para a minha consciência de artista do que para as plateias. Terminando um trabalho, onde eu punha todo o meu cuidado, todo o meu saber, toda a minha competência, convenciam-me a mim próprio de que esse trabalho era bom. Era bom em relação a mim próprio...

“Foi, um dia, um cavalheiro, desses consagrados por quem já havia perdido há muito a consideração que sentira na minha inexperiente juventude, querendo adular-me, captar-me talvez simpatias, que eu não estava disposto a sentir. Elogiou de certa peça minha tudo quanto em minha consciência eu considerava inferior. Esses elogios suezes aos meus defeitos ofenderam-me mais do que uma pateada. Para esta estaria o meu espírito preparado, para aqueles encontrava-me desprevenido. O momento em que escutei, intimamente indignado, o insulto desses elogios, que eram como se me salivasssem na alma, foi o mais emocionante da minha vida».

Assim se exprimiu o autor da «Casaca encarnada» e «M. me Xavie», por cujas peças temos grande admiração, cortos de que esta não constituirá para elle um insulto. — M. D.

# Uma reportagem ao "Luna Park," da Miséria Portuense por Guedes de Amorim

## III

—Nestes últimos meses, só entraram no Porto duas mulheres americanas; uma é velha sufragista que vem em propaganda; a outra é nova, mas tem um nome diferente... Como esclarecimento, devo informar-lhe que esta é amantada com um português...

Estes esclarecimentos vieram confundir; num amálgama, os meus juízos sobre aquela desconhecida. Achava natural que Mary Walcamp fosse amante de um meu compatriota. Contudo, não acreditava que ela, interprete de aventuras, viesse desfiar a sua existência no romanceiro desta cidade...

Durante noites seguidas, procurei-a no "dancing" do Palacio. Ninguém a via, ninguém me falava dela. Passaram-se anos. Deixei fugir um pouco da memória a imagem da desconhecida. Certa noite de inverno, no Barredo, essa imagem resuscitou diante do original...

Pela mesma razão que os nossos olhos pedem, imploram, por vezes, jardins coloridos, revoadas de tintas, outras vezes, temem a claridade, só se abrem para a meia luz, para a sombra, para tudo quanto parece moribundo, desfalecido.

Os olhos o' edecem aos estados da alma. Numa noite de inverno do ano passado, os meus olhos quiseram afogar-se por horas no eterno e sombrio drama geométrico do Barredo. Ao crepusculo, só, blindado pela minha gabardine, atirei-me em passos lentos, pelas ruas daquele bairro, onde a Miséria, a Fome e a Morte — as Partas dos bairros pobres — estão de sentinela a todas as esquinas e portas.

Os estrangeiros que nos visitam, os estrangeiros a quem mostramos essa parte da cidade velha e pobre, comparam o Barredo a retalhos de Montmartre e de Whitechapel. Contudo, nenhum desses famosos bairros estrangeiros, toca a alma do visitante com a sugestão de tragedia que naquela montanha negra de casas' sobranceira ao Douro, vive sob uma eterna noite de fumo e sobre um interminável tapete de lixo.

O Barredo mete medo como um cemitério numa noite de trevas. Todas as ruas, estreitas, esganadas, por onde o vento parece ter de passar com dificuldade, nos falam de idades tombadas, há muito, no sarcófago do tempo. Arcos carcomidos, recordações mouriscas, aparecem-nos a cada passo. Depois, tuneis negros, misteriosos, onde se adivinham crimes. As ruas são passadeiras de cascas e de espinhaços. Além, sobre o Douro, barcos de ventre provido de sal, vão sendo descarregados, por homens e mulheres, por rapazes e raparigas, pelos cavadores do rio. A noite desce depressa; fecha o Barredo num cofre de trevas. Em velhos patios, de olhos paredes meias dos olhos, aparecem então os idílios daquele bairro onde o Amor parece não ter penetrado.

Caminho lentamente, como se estivesse percorrendo velhas catacumbas. Começa a chover. Lá cima, nas altas janelas, ouve-se uma vozeria de mulheres que retiram, presurosas, a roupa que estenderam em cordas. Passam vultos apressados, de gola levantada, que desaparecem nas bocas das tabernas. Caminho sempre, cruzando com homens que conservam na cara estigmas de desventura e fadiga. Penso para comigo: Uma Penitenciária não é mais aterradora que o Barredo. Aqui há falta de tudo. Nem sol, nem higiene, nem felicidade. Passam mulheres a chorar' baixo, baixinho sobre baminhos que escondem nos braços. O tecto da miséria fica, aqui, á altura de todas as cabeças!...

Corto uma esquina, lambida pelo reflexo de luz dum velho lampião. Na minha frente, a poucos passos, um grupo de garotos lança apupos a uma velha, tropega, que, indiferente aos insultos, caminha, tropega, lentamente. Victor Hugo tinha razão: «Os grandes desgraçados iludem-se



com a desgraça dos outros». Dou mais energia aos meus passos, e afasto aquele bando de garotos, de malfeteiros inconscientes. A velha, que veste com uns restos de distinção, fita-me. Eu não lhe posso distinguir o rosto, que está contra a luz. Vou já a retirar-me, quando ela me diz:

—Então, agora, já não pretende saber como eu me chamo?

Fico perplexo! Conheço aquela voz... Será possível? A desconhecida do "dancing" do Palacio no espaço de quatro anos, ter se-hia transformado naquela ruína humana?

—Não me reconhece?—pergunta-me, quebrando o cristal do meu silêncio.

—Ah! lembro-me perfeitamente. Mas não supunha que a vida lhe reservasse tal surpresa!...

—Desde o dia, em que o meu coração ficou pertencendo a um seu compatriota mais do que a mim própria, a vida tem sido prodiga em dar-me desagradáveis surpresas!... Mas venha comigo. Podemos falar com mais tranquilidade.

Segui-a. Não trocamos uma palavra mais. A esperança de ir ouvir um livro de memórias vividas, salpicadas de lágrimas dava-me uma sordina inquietação. Veio-me á memória aquela informação do empregado do Consulado Americano: «está amantada com um português». A seguir, recordei-me da sua incomparável semelhança com a Mary Walcamp, da revolta que ela, a desconhecida, sentiu quando, na sala de jogo, do Palacio a julguei a atriz cinematográfica.

—Moro no ultimo andar. Quer acompanharme?—disse-me ela, quando chegamos a uma porta, negra, escura, que lembrava a boca dum gigante negro.

—Estou ás suas ordens. Meia hora depois, subindo, com custo, dificilmente, laços sucessivos de escadas, precedido da desconhecida, entrei no seu quarto. Ela acen-



Arcos carcomidos, recordações mouriscas

# Uma estrela de cinema eclipsada ha oito anos em Hollywood e que...

deu um velho candieiro. Depois, pedindo-me licença, tirou o chapéu já velho, desbotado. Sentou-se. Então, analisei-a melhor. Pouco restava já da beleza que os meus olhos viram na desconhecida do Palacio. Estava muito encanecida. O cabelo, todo branco, parecia uma pluma de armího. O olhar era mais morto e o rosto estava sulcado de rugas profundas.

—Sente-se—convidou-me por fim. Fiquei sentado em frente a ela, que me perguntou:

—Recorda-se da noite do Palacio?

—Revivi a, há pouco, quando a encontrei a si.

—Eu nunca esqueci essa noite! Não se surpreenda. Do tempo que vivi em Portugal, foi V. a única pessoa que me ouvia falar com sinceridade.

—Eu devia duvidar... Foi tão misteriosa nessa noite! Depois, quando eu lhe disse que se parecia imenso com a Mary Walcamp...

—Revoltei-me, bem me recordei. Afinal, Mary Walcamp já morreu!...

—Duvido. Leio todos os jornais de cinema, e nenhuma noticia encontrei ainda que...

—Pode acreditar. Mary Walcamp, a «estrela» cinematográfica dos filmes de aventuras, que teve os olhos do mundo colados ás suas interpretações, anda ausente, muito ausente de tudo...

—Conhece-a?

—Sei onde ela está!—Um sorriso de amargura espalhou-se-lhe no rosto, e depois prosseguiu:—Fomos amigas, fomos camaradas de studio. Depois, quando ela chegava já com as mãos ao firmamento, á celebridade, fugiu nos braços dum fidalgo português...

A desconhecida tinha os olhos rasos de perolas, de lágrimas. Continuou:

—Viveram anos de amor em paizes de sol e de flores. Ele morreu em Nice, numa tarde de azul doentio. Mary, essa Mary que o senhor teima em vér em mim, gastou os dias, envelheceu de amor e de tristeza, no seu país, neste ziz de encantamento...

—E hoje?—perguntei interessado.

—Hoje, Mary Walcamp, esauecida do mundo, espera a Morte numa mansarda de um bairro pobre...

—Comove-a tanto esse romance vivido, de Mary Walcamp!

—E sabe por que?—perguntou-me com voz misteriosa.

—Porquê?

—Porque é um romance irmão—gemo do meu...

Fiquei alguns minutos mais. Ela, a desconhecida, chorava. Quando voltei de novo para a rua, consternado com o que ouvia, torturava-me a impressão de que aquela mulher, atriz cinematográfica, era a Mary Walcamp, outrora admirada, hoje desprezada pelo Mundo!...

Encontro frequentemente a desconhecida que me intrigou no "dancing" do Palacio e que ouvi, entre pinceladas de sofrimento, na sua mansarda do Barredo, numa noite de inverno. Vejo-a comprar revistas cinematográficas, nos quiosques do centro da cidade. Depois, em seu passo tropego, desaparece entre a multidão. Fico a interrogarme: É Mary Walcamp, a antiga «estrela» cinematográfica? Respondo sim e não a mim proprio. Vendo-a desaparecer, dentro de mim abre-se, porém, a convicção de que aquela mulher, velha e cançada, antiga «star» do cinema americano de aventuras, amou e amará na desgraça, na desventura, a memória de um fidalgo português!

GUEDES DE AMORIM

F I M

## OS QUE VIVEM DA MORTE

# Uma reportagem sobre os últimos "gatos-pingados,"

o "Gerica" e as suas memórias.--Um caixão... "trancheira"--A alma dos que levam cadáveres.--Episódios pitorescos e emocionantes

Reportagem por Guedes de Amorim



Metade, ou talvez, mais de metade da humanidade, dedica as suas horas a viver da morte, dos mortos. A existência através de certas profissões tem, por isso, qualquer coisa do destino, trágico e repelente, dos corvos. Logo que uma vida chega ao último passo, ao último minuto, em lugar de ser assunto para um longo silêncio é, a maior parte das vezes, um motivo de grandes discussões. Sobre um cadáver, mesmo que ele esteja guardado na câmara ardente dum esplendoroso solar, cai sempre, inalteravelmente, um bando negro, uma nuvem negra de corvos... humanos. Primeiro, entre os que vivem da morte, destaca-se o armador, ma figura sombria, que inunda a sala de panos negros, de pinceladas de luto. Depois, o notário, de hábitos acostumados a violar segredos, a violar testamentos. E vão chegando, em revoada escura e terradora, as sanguessugas da morte... O padre, o sacristão, o ovelheiro... Mas, no meio de todos estes comparas da grande niveladora, entre o fabricante dos caixões, des-es pequeninos palácios de madeira, e entre as figuras haespeareanas dos covetes passam, embora os «gatos-pingados» os mais irrisórios e desgraçados de todos quanto exploram a Morte. O «gato-pingado» fez da vida uma permanente penitência aos mortos, a pesar de tudo, os vivos chateiam-nos com olhares e frases e desprezo! E, haverá rasão, amarelador, para essa indiferença, para essa falta de carinho?... Vais ler... nesta reportagem alguns «gatos-pingados», vais ouvir... as suas peripécias, os seus rios e as suas lágrimas, e, então, entorna sobre a cabeça desses infelizes auxiliares da morte a tua sentença u o teu perdão!...

### «GERICA», O DECANO DOS «GATOS-PINGADOS»

Manoel Francisco Carvalho, o rapaz que começou a fazer a vida na sua aldeia de Guimarães, veio, um dia, com o coração cheio de ambições, de sonhos e fortuna, para a grande cidade. Ambicionava caminhar numa estrada luminosa, numa estrada de ferro... O destino empurrou-o para o meio dos pobres. Hoje, todo marcado de rugas, coxo, de olhar liuto, é o decano, o rei (rei pres-

tes a sácar...) dos «gatos-pingados». Chamam-lhe «O Gerica». Ele não gosta, não se adapta a essa curtiatura do seu nome... Aberto o livro das suas memórias, começa; porém, a voltar-se para o seu passado. Faz serviço de «gato-pingado» há mais de trinta anos! São trinta volumes de páginas alegres; de páginas humorísticas... Certa noite de inverno, mandaram-o levar um caixão ao Carvalhido. «Gerica» lá aborrecido, maldizendo o seu modo de vida em noite tão tenpestuosa! Para cúmulo de aborrecimento, quando se aproximava do ponto de destino, reconheceu que ti ha perdido o papelão em que havia garantido a direcção. Ficou desolado! Bateu a todas as portas, perguntou em todas as casas... Nada. Não havia meio de encontrar a casa do morto... A chuva, naquela noite de luto, caía incessantemente. E, então, «Gerica» teve uma ideia salvadora. Procu-

rou uma esquina, é meteu-se dentro do caixão! Dormiu assim o resto da noite... De manhã orientouse, e foi entregar o cadáver a venda onde se tinha resguardado do temporal. «Gerica», que vive numa casa lóbrega, da rua de S. Victor, não se queixa muito do seu destino. É feliz. Vive com a mulher e com uma filha casada. E, há, há muito habituado àquela farda, àquela libe vistosa, com que leva para a cidade dos mortos os que desaparecem da vida.

—E não sentiu nunca terror diante dos cadáveres que tem transportado?—perguntelhe.

—Não, sei hor—responde-me com um sorriso baço—. O que eu quero é ganhar dinheiro, o que eu quero—desgraçadante!—é que morra a muita gente!...

Com prazer de se bem, que a profissão inebriou o «Gerica». Vê a morte como um modo de vida sem a mais leve atitude de ternu-

ra cu pe...  
... quando nos vamos os a retirar, revelamos, então, o grande desgosto da sua vida, da sua profissão. Uma noite, quando levava outro caixão, foi bater, por engano, a uma pensão, onde a morte nada queria com os hospedes, visto que estavam numa hora rubra de alegria. Quando notaram a presença agrotenta do «Gerica» correram sobre ele, que broram-lhe as costas a vassuradas... E «Gerica», o «gato-pingado» que acompanhava o féretro do actor Taveira, o «gato-pingado» que mais enterros tem visto e seguido, termina sempre a sorrir, as suas memórias sobre a sua vida de bem servir os mortos!...

—Quantos cadáveres tem acompanhado você nos seus trinta anos de profissão?—perguntou ainda ao «Gerica».

Ele abre os olhos, cai um minuto em silêncio, e por fim diz-me, hesitante:

—Por ano, regulari, uns 200...

—Então, uns seis mil ao tod?...

«Gerica», abana a cabeça, depois toma um ar mais sério, e colta uma frase de concordancia, mas na qual se advi ha qualquer coisa de indiferença pelo numero de cadáveres que levou a enterrar, e como se tivesse ouvido dizer que, nos ultimos trinta anos, fumara 6 000 cigarros...

### A' BUSCA DA MORTE

O «gato-pingado», na sua totalidade, vive, unicamente, dos enterros. Por veze, faz tambem outros serviços, e-palha, por outras profissões a sua actividade. Porém, como regra, tem duas ou três casas funerarias, pergunta nesta e naquela, veste uma e outra farda, conforme a categoria do morto, conforme o luxo do féretro...

E, por vezes, tem aspectos de avassaladora tragedia essa profissão que tão pouco respeito merece a sociedade! O «gato-pingado» habita ruínas imundas e casas mais imundas ainda. Por vezes, nas semanas em que a fúne da morte adurmece, o «gato-pingado» cansado de percorrer as casas funerarias, cansado de ouvir dizer que «não há enterro nenhum»—recolhe à sua pociça, e chora horas e dias de fo-



«Os «gatos-pingados» são enclausurados nas suas atitudes compungidas, como as «gatas» nos seus ninhos... Mas quando se trata a tranças—diz-nos um—o dor não precisa d'analgesia»

# O QUE SE PODIA FAZER COM O VALOR DE UM BRILHANTE



Quantas vezes os "gatos-pingados" se embriagam para esquecer a tristeza da sua profissão.

apupos, perseguem-nos com furiosos «miaus» e rinhos-rhás!

Quasi todos, de tão acostumados que estão a viver com a morte, possuem uma dominadora indiferença para as coisas deste mundo, veigas a librê, prateada, muito n'gra, como uma noite, como o remorso de um crime...

E, quem sabe, se não é a tortura do remorso ou nuvem de medo que os atira, no fim de cada enterro, para as tabernas inundadas, onde discutem e se embriagam?...

## OS CADAVERES PEQUENINOS...

—Que sente um familiar da morte como você é, quando lhe morre um ente querido?

—Os nossos mortos são retalhos de nós mesmos... Bem vê... Fui eu quem vesti o meu filho que foi a enterrar há dias. As mãos tremiam-me. Chorei. As pernas vergavam-me... Ah! Se fosse estranho, se fosse o cadaver de um desconhecido!... Mas, quando nos morre alguém, choramos como os outros choram...

Um novo «gato-pingado», mais velho do que aquele com quem estive falando, levanta-se de um canto, cumprimenta-me, aproxima-se de mim e diz-me:

—Mas, nem todos nós sentimos da mesma maneira... Tive uma filha que foi apanhada pela desgraça... Perdia por alguns anos. Uma manhã, uma sua companheira de vuela, veio dizer-me que a rapariga tinha morrido. Fui. Tirei as medidas do caixão, eu proprio o levei, eu proprio a meti dentro dele. Se chorei? Não, nem senti dor alguma deante dessa filha morta... Pelo contrario, desde esse dia, livre do desgosto de ter essa filha na vuela, comeci a sorrir, a sorrir sempre...

Retiro-me. Sai para a rua, que está toda vestida de sol. E venho pensando que as mãos dos «gatos-pingados», mãos habituadas a enfiar cadaveres em tumulos, sabe m, tambem, muitas vezes, lançar rosas em sepulturas e rezar pela alma daqueles que a sua negra profissão, em tragico destino, leva todos os dias para os cemiteiros!



Guedes de Amorim

# Luxos Caros



1.º — O valor médio dum brilhante de 5 quilates regula por 50 contos.

2.º — Com 50 contos podia-se manter uma grande escola durante 1 ano.



3.º — Ou pagava-se o trabalho de 80 operários durante um mez

4.º — Ou sustentava 30 pessoas durante 6 mezes.



5.º — Ou mantinha-se durante 4 anos uma família inteira

6.º — Ou comprava se 2 camionetes cheias de ferro para uma obra.

## A PSICOLOGIA DO «GATO-PINGADO»

Para o «gato-pingado» os mortos são objectos em que tocam sem medo e sem repugnancia. Geralmente, é o «gato-pingado» quem o coloca no caixão, quem o segue, de manelras prontas e com seriedade profunda. Na rua a gorotada, quando eles passam, lançam lhe

**DISTINGUEM-SE  
PELA  
ELEGANCIA DOS  
SEUS  
MODELOS**



**CALÇADO DE  
GRANDE LUXO**

Telefone, 88



**PAPEL  
ZIG-  
-ZAG**

Peçam tabela de preços  
aos unicos importadores

**Casa Havaneza**

24, Largo do Chiado, 25  
LISBOA

**Niclau Ferraz**

HESPAHNA

FRANÇA

BRAZIL

E

AMERICA DO NORTE

AGENTE NO NORTE  
da United States Lines

Telefone, 762

Rua do Loureiro, 6c, 62—P. RTO

**PASSAPORTES**

E' caro? E'! Mas no  
**ESCONDIDINHO**  
Come-se, porque o  
**ESCONDIDINHO**  
é quem melh'r serve.

A sua cozinha, os seus *mé-  
nus*, os seus serviços, os seus  
talheres, os seus vinhos são  
celebres e não tem rival.

Rua Passos Manuel—Porto

Visitar a **Rainha das Meias**

é preferi-la pelas suas  
ultimas novidades

Angulo das Ruas

[S.ta CATARINA] PORTO  
e FORMOSA Telefone, 67

**Livraria e Papelaria Académica**

Rua 5 de Outubro—POVOA DE VARZIM

Figurinos—Musicas—Tabacaria—  
Tipografia—Artigos fotograficos  
para amadores—gramofones—  
Discos—Aguilhas—T. S. F.—Ma-  
quinas de escrever—Pianos—Mi-  
udezas—Novidades—Representa-  
ções—Comissões—Consignações

A casa que vende mais barato

**“GARANTIA”**

COMPANHIA DE SEGUROS  
(FUNDADA EM 1899)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00  
Reservas em 31 de Dezembro de 1927  
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da “GARANTIA” devem ter  
sempre em vista que nenhuma outra Com-  
panhia lhes pode oferecer maiores vantagens:  
o seguro de vida obedece á matemática e  
esta é uma sci. O que os segurados de-  
vem exigir é idoneidade da Companhia, e,  
neste ponto, a “GARANTIA” tem a es-  
cudá-la o seu passado.

SE DE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO

(EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14—

Casa Bancaria Sauxa, Cruz & Cia, L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71

(EDIFICIO PROPRIO)

**Escudos 3\$00**

20 SEMANAS

Os melhores e mais chics  
Chapeus a prestações com bonus  
Inscreva se já para esta semana por  
apresentação ou conhecimento

terá um bom chapeu  
no acto da inscrição

**Chapelaria Portela**

Telefone 1776

Praça dos Poveiros, 80—PORTO

**Vem ao Porto!!**

Quer passar uma noite ale-  
gre?—Visite o “Recreio da  
Trindade”

Rua do Estevão

**EM PLENO EXITO**

2 Notaveis Bailarinas Francesas  
**DANAH et Florysse**

Do Casino de Paris

Continuam em grande successo as  
festejadas completistas bailarinas

Irma Liliane e Petite Manola

Orchestra Jazz—Esmerado servi-  
ço de restaurante—Muitos ta-  
dos os dias Arte—Luxo Alegria

Aberto toda a noite

**Grande Café Restaurante ITALIA**

Rua 1.º de Dezembro—Lisbon

**A casa mais frequentada de Lisboa e que fornece  
o especial bife Italia, e m pão, vinho ou cerveja pelo  
modico preço de 8\$00. Magnificos concertos das 15  
às 18 horas e das 21 às 0 horas.**

**Com optima frequencia.**